

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

# DESVENDANDO O AVESSO: A LEITURA LATERAL COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO DIGITAL EM SALA DE AULA

Victor Araujo Coutinho, Ormezinda Maria Ribeiro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6709>

Submetido em: 2023-08-30

Postado em: 2023-09-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

## DESVENDANDO O AVESSO: A LEITURA LATERAL COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO DIGITAL EM SALA DE AULA

ORMEZINDA MARIA RIBEIRO<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5911-3005>

<aya@unb.br>

VICTOR ARAUJO COUTINHO<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8275-6658>

<araujo.vct@gmail.com>

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade de Brasília (DF, Brasil); Pesquisadora, orientadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPG/IL-UnB e do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE-MP/FE-UnB; Atualmente é Vice-Coordenadora do PPGL-UnB.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (DF, Brasil). Mestre em Linguística, Pedagogo e Licenciado em Letras. Atualmente atua como Pedagogo Especialista no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

**RESUMO:** O presente artigo nos convida a explorar o desenvolvimento do mundo da leitura sob a ótica do letramento digital no século XXI. Com o advento da internet e da disseminação de (falsas) informações em massa, se torna cada vez mais necessário o olhar acadêmico com foco no desenvolvimento do pensamento crítico dentro das salas de aula. Desse modo, tecemos nossas reflexões a fim de aproximar o conceito de leitura lateral, um método de leitura contextualizado para o momento em que vivemos, do currículo da Educação Básica brasileira. Para tanto, exploramos uma proposta de ensino feita para alunos do oitavo e nono ano do ensino fundamental de uma escola pública de João Pessoa (PB). Nosso objetivo é abrir um espaço de discussão para que professoras e professores analisem a teoria e a proposta de perto, de modo que encontrem meios de incorporar esta nova técnica de leitura em seu repertório pedagógico.

**Palavras-chave:** leitura lateral, letramento digital, repertório pedagógico

### UNVEILING THE OTHER SIDE: LATERAL READING AS A TOOL FOR DIGITAL LITERACY IN CLASSROOMS

**ABSTRACT:** This article invites us to explore the development of the reading world from the perspective of digital literacy in the 21<sup>st</sup> century. With the advent of the internet and the dissemination of (false) information on a massive scale, the Academy's focus on the development of critical thinking within schools has become increasingly necessary. In this way, we share our reflections in order to close the gap between the concept of lateral reading, a contextualized reading method for the current moment, and the Brazilian Basic Education curriculum. To that end, we explore a lesson designed for eighth and ninth-grade students at a public school in João Pessoa (Paraíba, Brazil). Our goal is to open a space for discussion so that all teachers have the opportunity to analyze both the proposal and the theory behind it closely, in order to find ways to incorporate this new reading technique into their pedagogical repertoire.

**Keywords:** lateral reading, digital literacy, pedagogical repertoire

## DESCUBRIENDO EL REVERSO: LA LECTURA LATERAL COMO HERRAMIENTA PEDAGÓGICA EN EL AULA

**RESUMEN:** El presente artículo nos invita a explorar el desarrollo del mundo de la lectura desde la perspectiva del alfabetismo digital en el siglo XXI. Con la llegada de internet y la difusión de información (falsa) a gran escala, se hace cada vez más necesario el enfoque académico centrado en el desarrollo del pensamiento crítico dentro de la escuela. De esta manera, tejemos nuestras reflexiones con el objetivo de acercar el concepto de lectura lateral, un método de lectura contextualizado para el momento en que vivimos, al currículo de la Educación Básica brasileña. Para lograrlo, exploramos una propuesta de enseñanza diseñada para estudiantes de octavo y noveno grado de una escuela pública en João Pessoa (Paraíba, Brasil). Nuestro objetivo es abrir un espacio de discusión para que las profesoras y los profesores analicen de cerca la teoría y la propuesta, de modo que encuentren formas de incorporar esta nueva técnica de lectura en su repertorio pedagógico.

**Palabras clave:** lectura lateral, alfabetismo digital, repertorio pedagógico

Portanto, parece-me que precisamos começar por vigiar os criadores de fábulas, separar as suas composições boas das más. Em seguida, convenceremos as amas e as mães a contarem aos filhos as que tiverem escolhido e a modelarem-lhes a alma com as suas fábulas muito mais do que o corpo com as suas mãos.

Platão – A República

### PARA ADENTRAR NO TEMA

À guisa de introdução, reportamo-nos a Platão, para reafirmamos que a leitura e a escrita ocupam, há séculos, um local privilegiado em nossa sociedade. Como um novelo, se emaranham e se tecem em textos que compõem o cerne do que hoje entendemos por humanidade. Afinal, somos ensinados que a capacidade de ler e escrever é o que nos difere dos demais animais que dividem esse planeta conosco. Ao tomarmos esse emaranhado de fios em nossas mãos, notamos a grandiosidade e extensão do nosso objeto de pesquisa enquanto linguistas. Isso porque podemos explorá-lo de diversas maneiras e formas, seja através do tempo, do espaço, das classes sociais ou até mesmo gerações que, em seu cotidiano, contribuíram, contribuem e contribuirão para a construção desta imensa teia.

Neste capítulo, nosso foco é a contemporaneidade. Poderíamos passar horas, ou linhas, explorando o desenvolvimento dos textos para entender de onde viemos e supor para onde iremos. Entretanto, também é de nosso interesse manter um fluxo prático e coeso de informações, para que possamos ter espaço suficiente para reflexões e debates acerca do tema. Sendo assim, nosso olhar se volta para o agora, de modo que possamos observar, descrever, e propor ações significativas para a prática pedagógica nos dias de hoje.

Ao nos dedicarmos a explorar a atualidade, precisamos observar o significado do texto nesse recorte temporal. Cumpre-nos observar que, no imaginário coletivo, a crença de que o advento da internet e da tecnologia fez com que as pessoas deixassem de ler cada vez mais. É comum ouvirmos pessoas dizendo que “na minha época se lia mais”, ou até mesmo que a internet e a tecnologia fizeram com que os jovens e crianças se tornassem menos inteligentes. Porém, é preciso filtrar o que de fato é realidade.

Um fato é que a leitura e a escrita mudaram. Isso é inquestionável. Mas mudança está longe de ser um sinônimo de piora.

Hoje, grande parte da interação virtual na internet se dá por meio da linguagem visual, ou seja, por meio do texto escrito acompanhado de imagens, vídeos, dentre vários elementos multimodais. Esse meio de comunicação tem se mostrado como o preferido para comunicação, mesmo em momentos em que existe a opção de se interagir por meio da voz. É comum encontrarmos nas redes sociais sketches e anedotas (também conhecidos como o gênero meme) ironizando a fobia social de pessoas mais jovens ao interagir por meio de ligação telefônica, por exemplo.

Isso evidencia o fato de que os gêneros discursivos continuam evoluindo para se adaptarem aos novos meios pelo quais circulam. O gênero carta deu origem ao gênero e-mail, que por sua vez se desenvolve para adotar características e propósitos que condizem com o uso que lhe damos hoje em dia. Enquanto a comunicação pessoal entre pessoas conhecidas migrou para gêneros mais curtos e informais, como as postagens em redes sociais e mensagens instantâneas e privadas, o e-mail passou a abraçar a função de registrar formalmente interações de cunho profissionais e laborais, ou seja, passou a circular em uma esfera mais formal, próximo do gênero ata. Inclusive, existem inúmeros memes circulando nas redes sociais onde trabalhadores se referem a reuniões desnecessárias que “poderiam ter sido um e-mail”. Isso nos mostra, mesmo que pontualmente, o quanto a internet influencia a evolução dos gêneros textuais.

Sendo assim, é urgente que nós, professores e educadores, tenhamos a capacidade de traduzir tais impactos para o currículo de nossos cursos em sala de aula. Independentemente do contexto de ensino, professores de língua precisam instrumentalizar seus alunos para que se tornem letrados, inclusive no meio digital. Para tanto, é necessário entender as fundamentações do Letramento Digital, de modo que possamos trazê-lo para dentro de nossas salas de aula.

## **LETRAMENTO DIGITAL E SUA IMPORTÂNCIA NO SÉCULO XXI**

O conceito de Letramento Digital já é conhecido no meio acadêmico desde o fim dos anos 90. Para que possamos melhor compreendê-lo, precisamos primeiro entender um pouco de suas origens e bases. Isso porque é importante entender as nuances e diferenças incutidas no termo. Desse modo, exploraremos um pouco do histórico da evolução do próprio conceito de Letramento, para então observar os seus desdobramentos no mundo digital.

O termo Letramento foi introduzido na ciência nacional durante a década de 80 e se popularizou nos estudos da área da educação e linguística que se desenvolveram desde então. No Brasil, ele surge no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986), escrito pela pesquisadora Mary Kato. Apesar de ser pioneira no uso do termo, Kato não traz em sua obra uma definição do conceito de letramento, empregando-o como tradução livre da palavra inglesa *literacy*. A definição do termo só começa a ser desenhada no livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso* (1988), de autoria de Leda Tfouni.

Começa a ser desenhada porque o campo apenas foi aberto para que as discussões e reflexões acerca do tema se desdobrem. Em seu livro, Tfouni (1988) dá início à distinção entre o conceito de “letramento” e “alfabetização”. A autora aponta a alfabetização como o processo cognitivo que engloba conhecimentos e destrezas variadas, todos esses ligados ao domínio básico do código da língua. Por outro

lado, o letramento é visto como o processo cognitivo que transcende o código da língua, avançando para situações de uso prático da língua – também entendidas como interações – nos mais diversos contextos sociais. Essa distinção continua a ser desenvolvida e elaborada por outras autoras no decorrer dos anos 90, e vai se adaptando à evolução do pensamento científico humano em relação às concepções de língua, texto, leitura e escrita da época. Isto faz com que o conceito de letramento atravesse a aprendizagem em suas diversas esferas, considerando seu impacto nas dimensões sociais e ecológicas do indivíduo e sua relação com a leitura e a escrita.

Em 2020, Magda Soares sugere um retorno ao ponto de intersecção entre a alfabetização e o letramento. Para a autora, é preciso que pensemos o processo de “alfaletrar”, visto que um não elimina ou anula outro. Muito pelo contrário, ambos os conceitos se atravessam, possibilitando que a exploração dessa intersecção seja produtiva para o pensar e o fazer pedagógico em sala de aula. Em sua obra, Soares (2020) define “alfaletrar” como o ato de ensinar a ler e a escrever sem perder de vista o contexto das práticas sociais de leitura e da escrita e sua aplicação no dia a dia.

É desse ponto de vista que partimos para desenhar esse capítulo. Afinal, o mundo digital expande os contextos sociais e interacionais por meio de ferramentas tecnológicas que também precisam ser ensinadas e dominadas. Isso é, se na alfabetização nos preocupamos com o uso do lápis, da caneta, e de outros materiais em diferentes tipos de suporte para a escrita, no mundo digital precisamos nos preocupar com o uso adequado do computador, dos celulares smartphones, e de várias outras ferramentas tecnológicas pelas quais o acessamos. Desse modo, é possível pensarmos em ações intencionais de capacitação e formação de nossos alunos em suas jornadas de letramento digital.

A partir desse escopo, entendemos as pontes e conexões que dão forma ao conceito de letramento digital. Com a rápida popularização da internet como meio de interação social, o discurso mais uma vez se mostra como espaço privilegiado no qual se materializam elementos que nos permitem compreender as práticas sociais que se dão no mundo virtual. Assim como nas demais esferas da vida cotidiana, a interação mediada pela internet demanda uma série de conhecimentos e habilidades específicos para que tenhamos autonomia e eficácia em seu adequado uso.

Isso porque as ferramentas tecnológicas permitem não apenas uma expansão de nossas habilidades de comunicação e interação social, mas também facilitam a manipulação de informações e a disseminação extremamente rápida de mentiras. Em 2016, o cenário político internacional foi permeado de conflitos que tiveram a internet como palco principal. Desde eventos ligados às eleições presidenciais dos Estados Unidos da América, até notícias sobre o processo de votação do referendo de participação do Reino Unido como integrante da União Europeia, tivemos um ano repleto de desinformação e manipulação da verdade. Não obstante, o dicionário de Oxford elegeu, com base no aumento da frequência de seu uso, a palavra “pós-verdade” como palavra desse ano. No ano seguinte, em 2017, o dicionário britânico Collins cunhou “fake news” como a palavra do ano, dado o aumento de 365% no número de ocorrências no corpus coletado.

Tais palavras não são invenções novas, oriundas do advento da internet como espaço de interação social. Muito pelo contrário, pesquisadores das áreas de ciências sociais e linguística demonstram a tempos o uso de diferentes mecanismos linguísticos e sociais para manipulação e controle da opinião pública. Na internet, um dos primeiros registros que temos de circulação de informação falsa é a existência do suposto vírus chamado Good Times. Em 1994, começou a circular a notícia de que um suposto vírus infectaria o computador de pessoas que abrissem e-mails cujo assunto fosse “Good Times”.

Isso causou um pânico generalizado entre os usuários, visto que poucos tinham o conhecimento técnico necessário para entender o que estava acontecendo. Assim, amigos se enviavam e-mails com esse assunto a fim de pregar peças uns com os outros.

Entretanto, as ferramentas tecnológicas nos deram a habilidade de também manipularmos imagens e vídeos, fazendo com que a realidade se tornasse ainda mais frágil e subjetiva no mundo digital. Um dos primeiros casos de manipulação de imagem e informação que ganharam notoriedade foi o famoso Tourist Guy, uma montagem que mostrava um turista no topo de uma das torres do World Trade Center, minutos antes do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001. A imagem foi enviada por um estudante húngaro para alguns amigos como uma piada, mas logo se espalhou pela internet e inclusive chegou a ser publicada por vários sites e jornais como se fosse real. Apenas depois de muita polêmica e investigação, o autor da foto admitiu que era uma farsa e que ele havia visitado Nova York em 1997.

Ambos os casos de manipulação de informação aqui relatados podem ser considerados pela maioria das pessoas como inofensivos. Afinal, eles têm como objetivo principal uma interação cômica entre pares, não a manipulação da opinião pública para atender a interesses específicos. Porém, apesar de serem relativamente inofensivos, esses primeiros casos já evidenciam duas características muito importantes, senão centrais, de diversas práticas discursivas que são mediadas pela internet: i) o alcance ilimitado e ii) a rapidez instantânea na disseminação de informações.

Com o passar dos anos, a tecnologia tem se desenvolvido ao ponto de permitir a comunicação até mesmo entre pessoas que não falam nenhuma língua em comum. Mesmo com a dificuldade em traduzir termos e expressões culturais, tais ferramentas têm evoluído rapidamente para se aperfeiçoarem nessa seara. Isso faz com que (des)informações tenham, de fato, um alcance virtualmente ilimitado, já que basta se conectar à internet para acessá-las. Ao mesmo tempo, a replicação de (des)informações na internet é praticamente instantânea. Inclusive, usamos a metáfora “viralizar” para descrever a facilidade com a qual o conteúdo se multiplica e se espalha na rede, tal qual um vírus se replica e se espalha no corpo de um hospedeiro. Diversas ferramentas têm buscado facilitar o compartilhamento de conteúdo com apenas um toque/clique, fazendo com que mais e mais pessoas tenham acesso ao conteúdo compartilhado.

Tamanho avanço tecnológico permitiu que mais e mais desinformação fosse disseminada. Um exemplo mais recente foi a quantidade de informações falsas que foram disseminadas durante a pandemia da Covid-19. Inclusive, em um de seus relatórios oficiais publicados no início do ano 2020, a Organização Mundial da Saúde relatou que também vivíamos um tempo de “infodemia”, quando havia uma epidemia de falsas informações a respeito da doença, de seu tratamento, e da eficácia e segurança da vacina sendo compartilhados na internet. É possível tecer toda uma pesquisa acerca do impacto que a desinformação teve durante a pandemia da Covid-19, porém o nosso objetivo aqui é demonstrar a urgência em se trazer o letramento digital para dentro do currículo das escolas.

Isso porque, enquanto a educação básica demora em absorver as rápidas mudanças trazidas pela internet e os avanços tecnológicos nas últimas três décadas, pessoas se especializam em forjar mentiras e manipular fatos para que sejam facilmente absorvidos como verdades. Os indícios de manipulação mudaram rapidamente, e os produtos finais estão cada vez mais sofisticados. Hoje, podemos afirmar que o impacto dessa fábrica de verdades online é complexamente difícil de se mensurar, tendo desdobramentos evidentes e concretos nas mais diversas esferas em nossa sociedade.

Note que tais conclusões surgem como resultado de diversos estudos conduzidos recentemente por pesquisadores ao redor do mundo. Mais à frente nos debruçaremos sobre a importante pesquisa de Wineburg e McGrew (2017), na qual não apenas se constatou a dificuldade generalizada em se reconhecer informações falsas na internet, mas também se analisou a melhor estratégia para evitar a desinformação. Por ora, é relevante notar que, dentre os entrevistados que acreditaram em informações falsas, pouco mais de 55% se declararam nativos digitais que passavam ao menos quatro horas diárias navegando pela internet. Isso demonstra que a familiaridade com as ferramentas tecnológicas por si só não é capaz de desenvolver o pensamento crítico e a reflexão necessária para que sejamos deveras letrados digitalmente.

Portanto, se temos como objetivo formar pessoas autônomas e críticas para o efetivo exercício de sua cidadania, é imprescindível a construção de um currículo de fato emancipador. Sendo assim, entendemos que o letramento digital, ou seja – expandindo as palavras de Magda Soares (2020) –, o ato de ensinar a ler e a escrever no meio virtual sem perder de vista o contexto das práticas sociais de leitura e da escrita e sua aplicação no dia a dia, é extremamente relevante para a formação leitora no século XXI. Portanto, é preciso que professores e professoras de língua se dediquem a trazer o tema para dentro de suas salas de aula, em busca de estratégias de leitura que fomentem a autonomia dos alunos.

## **O CONCEITO DE LEITURA LATERAL**

Leitura lateral, do termo em inglês *lateral reading*, surge para descrever uma série de ações e protocolos utilizados para avaliar a idoneidade de qualquer informação, principalmente no meio virtual. O conceito é amplamente utilizado por jornalistas e fact-checkers no âmbito profissional. Para que também possamos entender a leitura lateral como ferramenta pedagógica de letramento digital, vamos observar de perto o estudo que deu origem ao termo.

Os pesquisadores Sam Wineburg e Sarah McGrew da Escola de Pós-graduação em Educação de Stanford (EUA) conduziram, em 2017, uma pesquisa com três públicos distintos: alunos de graduação, alunos de pós-graduação em História, e jornalistas profissionais que trabalham com checagem de fatos. O objetivo dos pesquisadores era investigar como as pessoas determinam a credibilidade de informações digitais. Desse modo, cada grupo traria informações importantes acerca das diferentes estratégias disponíveis, bem como da capacidade de cada grupo em reconhecer informações falsas.

Para condução do estudo, os participantes foram observados enquanto avaliavam sites e buscavam informações sobre questões sociais e políticas. Era esperado que, de algum modo, a familiaridade com ferramentas tecnológicas ou o acesso à educação superior em nível de pós-graduação fossem capazes de instrumentalizar os participantes a reconhecerem informações falsas na internet. Entretanto, os resultados mostraram que esses muitas vezes se deixavam enganar por características facilmente manipuláveis e forjáveis dos sites de informação. Dentre as características levantadas, muitos participantes se atentavam a logotipos oficiais, nome de domínio, esquematização e estrutura da página.

Aqui fazemos uma breve pausa para pensarmos em algo interessante e necessário, retomando os estudos de gêneros discursivos e textuais conduzidos por Bakhtin (1979), Marcuschi (2002), Bazerman (2005), dentre outros teóricos relevantes para a área. Sabemos que os textos trazem diversos marcadores que nos oferecem informações acerca do gênero textual em questão. Desde o meio em que circula, a linguagem adotada, a precisão gramatical, até mesmo aspectos tidos como mais “visuais” e menos “linguísticos”, como a diagramação, a escolha de cores e a inserção de imagens condizentes com o

esperado. Ao olharmos os resultados da pesquisa de Wineburg e McGrew (2017), concluímos que já se construiu uma ideia do que compõe o gênero textual “Site Oficial”, muitas vezes tomado como sinônimo de “fonte confiável”. Isso fica ainda mais evidente quando observamos o processo de manipulação de informações, já que pessoas ativamente buscam simular esses marcadores (linguísticos ou não) para produzirem peças a fim de disseminar mentiras e manipular a opinião pública.

Nota-se, portanto, que a criação e disseminação de informações falsas é de fato feita sob medida. Na última década, essa estratégia se tornou corriqueira em palcos de disputa política nos mais diversos países ao redor do mundo. Pessoas encontraram um mercado lucrativo, que gera riqueza com a especulação e ignorância da grande massa leitora. Frente a este cenário, surge a pergunta: “Como podemos refutar um modelo feito com tamanha precisão a fim de nos manipular?”. Felizmente, Wineburg e McGrew (2017) nos apontam uma direção.

A eficácia dessas fábricas de mentiras depende única e exclusivamente de um fator cultural que nos acompanha há séculos: nós aprendemos a ler apenas verticalmente. É claro que folheamos páginas e lemos tirinhas e quadrinhos em outras direções, mas aprendemos desde cedo que tudo o que precisamos para ler está dentro do próprio texto. O processo moroso de publicação de livros fez com que a editoração selecionasse conteúdos que fossem, de fato, mais confiáveis. Os que fugiam à norma eram rapidamente estigmatizados e, conseqüentemente, fáceis de se localizar. Entretanto, o advento da internet e do meio digital permitiu que essa disseminação fosse feita em uma escala muito maior do que já havíamos visto.

Isso fica evidente quando observamos os resultados da pesquisa de Wineburg e McGrew (2017). Se os alunos de graduação e pós-graduação se deixaram enganar por sites forjados, os jornalistas e verificadores de fatos chegaram a conclusões muito mais fundamentadas em uma fração do tempo tomado pelos demais grupos. A principal diferença foi que o terceiro grupo utilizou uma técnica chamada “leitura lateral”, abrindo novas abas no navegador a fim de perceber o que outras páginas e fontes de informação falavam sobre o tema em análise. Essa técnica simples e eficaz resultou ser a melhor estratégia para julgar a credibilidade de informações na internet.

Se a internet mudou a maneira como acessamos informações, ela também demanda que mudemos a nossa maneira de lê-las. A “leitura lateral” se mostra então como um novo mecanismo de leitura. Longe de substituir tudo o que conhecemos e sabemos sobre leitura, o intuito principal da leitura lateral é de complementar as nossas habilidades leitoras no século XXI. Desse modo, mantemos a nossa autonomia e pensamento crítico a fim de superarmos esse cenário de manipulação e desinformação que se desenha no cenário internacional.

## **A LEITURA LATERAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE ENSINO**

Este texto não estaria completo sem uma breve reflexão sobre como abordar em sala de aula os conceitos aqui explorados. Afinal, é evidente e urgente a necessidade de se trazer essa discussão para dentro dos espaços de ensino. Quando observamos a Base Nacional Comum Curricular, notamos que são inúmeras as possibilidades de desenvolvimento de habilidades leitoras digitais como a leitura lateral. Tendo em vista essa miríade de possibilidades, escolhemos um estudo de caso para analisarmos a seguir.

A proposta de ensino que analisaremos foi desenvolvida para alunos de Português como Língua Materna no oitavo e nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de João Pessoa (PB). De acordo com o docente, o objetivo da aula é questionar e analisar informações compartilhadas

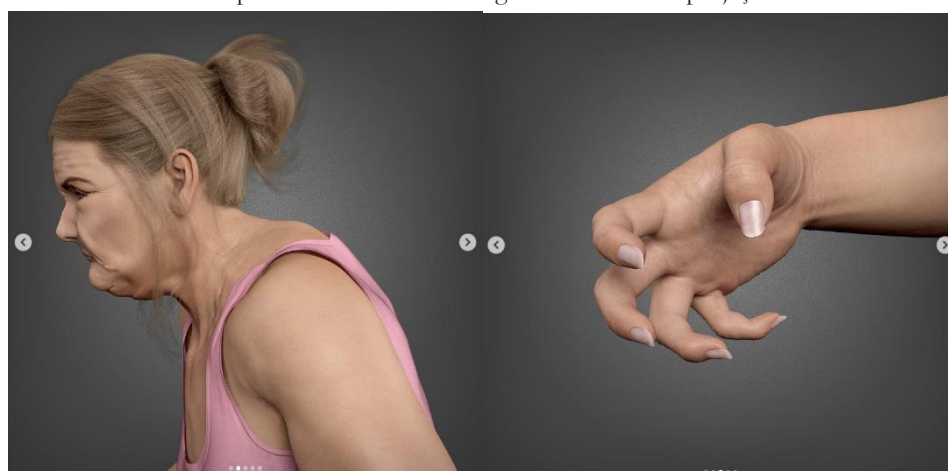
em redes sociais, fazendo uso de estratégias de leitura lateral para se entender mais sobre o tema em questão. Para tanto, o docente iniciou a aula pedindo que os alunos compartilhassem palavras que descrevessem o período de aulas remotas que tiveram durante a pandemia.

Dentre as palavras compartilhadas pelos alunos, algumas chamaram a atenção. “Terror”, “pesadelo”, “castigo”, “mamata”, “facilidade” e “futuro” estavam entre as mais comentadas. Não havia consenso entre a turma se a experiência fora positiva ou negativa. O único consenso ao que haviam chegado era que o ensino e o trabalho remoto vieram para ficar. Muitos alunos relataram experiências de familiares ou conhecidos que, desde a pandemia da Covid-19, trabalham e estudam remotamente. Quando questionados se gostariam de voltar para o ensino remoto, os alunos apontaram que as coisas seriam diferentes visto que poderiam sair de casa e circular livremente pela cidade após o término das aulas.

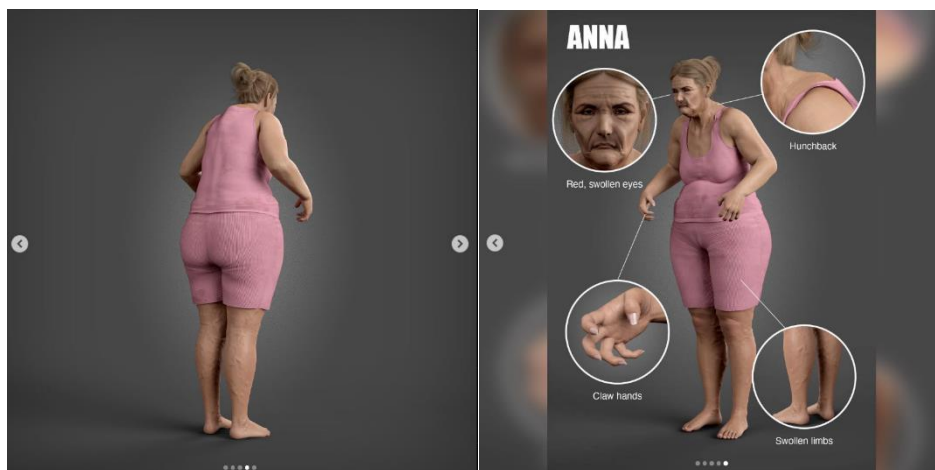
Depois desse debate inicial, o professor compartilhou o seguinte texto, uma postagem encontrada na rede social *Instagram*:



**Figura 1:** Manchete do Jornal Metrópoles (@metropoles) publicada no dia 16 de junho de 2023. Publicação original composta de carrossel de imagens detalhando a projeção

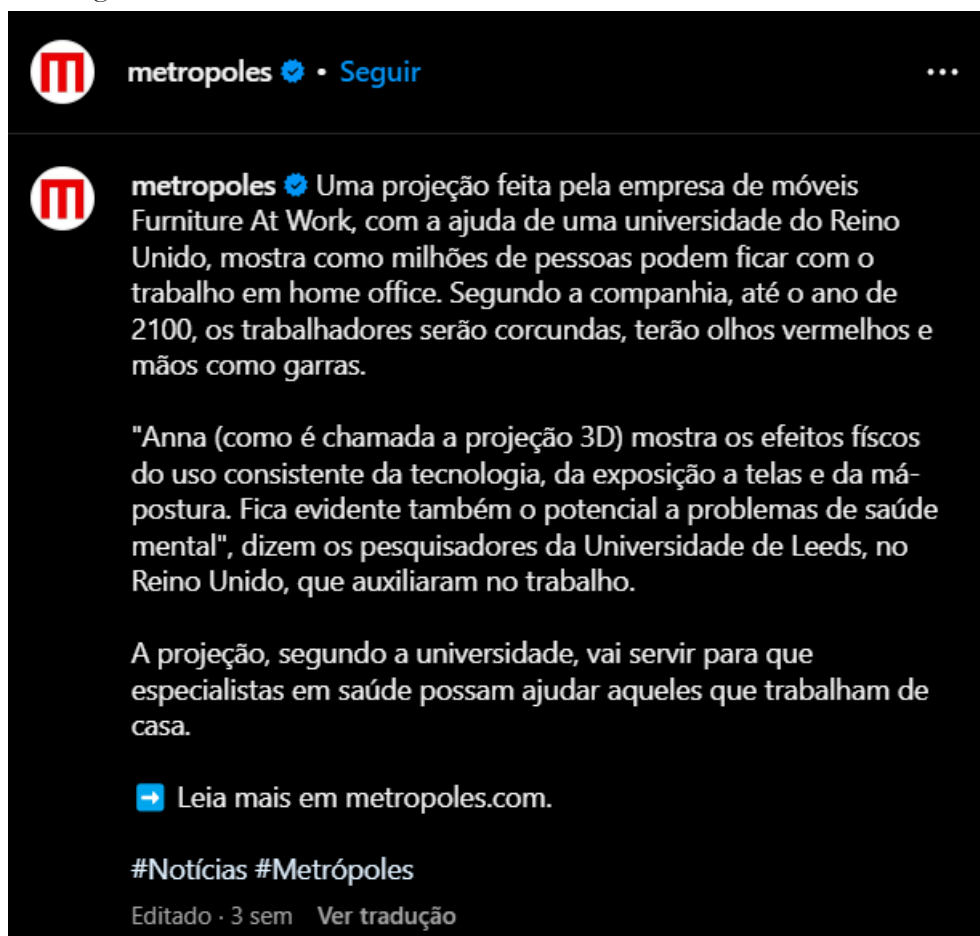


**Figura 2:** Continuação da postagem anterior, com foco no pescoço e na mão do modelo 3D. Publicado no dia 16 de junho de 2023.



**Figura 3:** Continuação da postagem anterior, com foco no corpo do modelo 3D. Lê-se em inglês as seguintes legendas: Olhos inchados e vermelhos, corcunda, mãos como garra, pernas inchadas (tradução livre). Publicado no dia 16 de junho de 2023.

Depois de analisar as fortes imagens, que retratam a projeção de mutações no corpo de uma mulher apelidada de “Anna”, o professor retomou a manchete e perguntou para os alunos se eles acreditavam na possibilidade dessa projeção para os próximos 70 anos de evolução da espécie humana. Depois de um breve debate, o professor convidou a turma a ler o texto que acompanhava a postagem. Veja a imagem a seguir.



**Figura 4:** Texto que acompanha as imagens da postagem anterior. Publicado no dia 16 de junho de 2023.

Após a leitura do texto, o professor pediu que a turma se dividisse em dois grupos: um com alunos que acreditavam na notícia e outro com alunos que achavam que era uma mentira. O professor pediu para que cada grupo compartilhasse os motivos e fatos que embasavam suas decisões. É interessante notar que em primeiro momento, a divisão da sala se deu maneira assimétrica, isto é, mais alunos acreditavam na notícia frente a um número reduzido de alunos que questionavam sua veracidade. Para que todos os alunos tivessem oportunidade de expressar sua opinião e refletir sobre o texto analisado, o professor permitiu que o grupo maior se subdividisse para que pudessem deliberar. Assim, todos poderiam contribuir ativamente para a discussão.

No grande grupo de alunos que acreditavam na notícia, encontramos alguns pontos interessantes para destacarmos. Os integrantes do grupo disseram que a notícia era verdadeira porque a página que a compartilhou tinha o símbolo de conta verificada do *Instagram* (círculo azul com sinal de verificado em frente ao nome da página). Aqui, gostaríamos de refletir sobre a importância simbólica que se construiu acerca desse símbolo, pois ela evidencia a responsabilidade que diferentes plataformas de mídia têm em monitorar a disseminação de informações falsas ou não-embasadas em suas redes. Ademais, recentemente algumas redes sociais, em especial o Twitter, permitiram que pessoas comprassem tal símbolo mediante uma assinatura mensal ou anual do serviço em sua plataforma. Sendo assim, se tornará ainda mais fácil forjar uma página que seja lida como fonte confiável para disseminar qualquer tipo de conteúdo desejado.

Um outro fator trazido pelo grupo que acreditava na notícia foi o fato de que o próprio professor trouxe o texto para a sala. Isso mostrava para muitos que ela era verdadeira, já que os alunos enxergam o professor como uma figura de autoridade. Muitas vezes não percebemos o poder e a influência que exercemos na formação crítica dos nossos alunos, daí a importância de se manter espaços de reflexão crítica entre nossos pares. Assim, podemos tornar a práxis pedagógica mais intencional, direcionada e crítica, para que não deixemos de fomentar o pensamento crítico em sala de aula.

Nota-se até aqui que tanto a credencial do veículo quanto a credibilidade na função ocupada pelo professor funcionam como argumento de autoridade e, conseqüentemente, como ponto de confiabilidade. Nesse aspecto, “há que se observar que o sentido se realiza no espaço discursivo criado pelos interlocutores, pelos nós que se agrupam no entrelaçamento, na interação”, conforme pondera Ribeiro (2023b, p.57). Desse modo, é preciso lembrarmos sempre do local privilegiado que a interação social ocupa na construção e negociação de sentidos, de modo que possamos formar nossos alunos para navegarem de maneira autônoma estas redes de significado que construímos constantemente.

Curiosamente, dentre os que questionavam a veracidade da notícia, surgiram argumentos mais ligados à ciência e ao saber construído dentro do ambiente escolar. As primeiras intervenções do grupo surgiram questionando a velocidade dessas “mutações” causadas pela tecnologia. Afinal, “demorou muito mais do que 100 anos para o surgimento do *homo sapiens* em nossa história evolutiva”, disse uma das alunas. Um outro aluno também questionou o fato de o estudo ter sido produzido por uma empresa chamada *Furniture at Work* (Móveis no Trabalho, em tradução livre), o que poderia ser um indício de propaganda sensacionalista para que as pessoas voltassem ao trabalho presencial.

Aqui, observamos a importância do conhecimento construído dentro do ambiente escolar, tanto de Biologia quanto de Língua Inglesa, para poder perceber algumas nuances que não são percebidas em uma primeira leitura superficial dessa matéria. Nem todos os alunos perceberam que a empresa de móveis em questão vendia mobiliário para escritórios. Quando o colega trouxe essa hipótese, a

quantidade de pessoas que acreditavam na notícia diminuiu. Após análise inicial, o professor convidou os alunos a usar seus celulares para encontrarem mais informações acerca dos elementos apontados, finalizando sua aula com uma discussão sobre a importância de analisar os textos que lemos.

Apesar de o professor ter mantido a discussão dentro de sua sala de aula, notamos que o texto é tão interessante que nos convida a estabelecer pontes com outras áreas do conhecimento no ambiente escolar. Pensando em abordagens interdisciplinares, encontramos inúmeras oportunidades. Na Biologia, temos espaço para os estudos acerca de como se dá a evolução das espécies. Na Educação Física, temos espaço para discutirmos o impacto do sedentarismo em nossas vidas, bem como a prática de atividade física para nossa saúde física e mental. Na Língua Inglesa, podemos explorar mais a fundo a universidade e a empresa mencionadas, a fim de entender em que ponto o estudo foi tirado de contexto. Esses são apenas alguns dos desdobramentos que um único texto pode ter no currículo escolar.

Desse modo, percebemos que o Letramento Digital não é um fenômeno isolado que pertence única e exclusivamente às salas de Língua Portuguesa. Muito pelo contrário, assim como a leitura, ele atravessa diversas esferas da nossa vida cotidiana. Isso fica evidente ao analisarmos a proposta de ensino aqui apresentada. Quando intencionalmente buscamos maneiras de conectar o conteúdo de nossas salas de aula com o mundo em que vivemos, notamos a importância do planejamento pedagógico como ferramenta de transformação social, tendo em vista o que assevera Ribeiro (2023a, p. 19):

Devem-se considerar como elementos constitutivos da produção de sentido: o texto, os sujeitos interlocutores, o contexto sócio-histórico, o explícito e o implícito no texto e a intertextualidade para que o indivíduo possa agir crítica e criativamente, fazendo-se sujeito historicamente capaz.

## **NO E PELO AVESSO: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura e a escrita são habilidades fundamentais para o pleno exercício da cidadania e autonomia do indivíduo em nossa sociedade. Sabemos do impacto socioeconômico que a leitura e a escrita têm na vida das pessoas. É nessa perspectiva que nascem os estudos de letramento que, hoje, pautam e guiam nossa práxis pedagógica. Assim, ao buscarmos trazer reflexões contemporâneas para dentro do arcabouço teórico, esperamos ter demonstrado como o letramento, sobretudo o letramento digital, é extremamente relevante nos dias de hoje.

Entretanto, é impossível que criemos uma fórmula mágica com uma única estratégia capaz de sanar todos os problemas e percalços que podem se apresentar durante a jornada de letramento escolar. Por um lado, é sabido que, em um país com dimensões continentais como o Brasil, muito dificilmente uma única solução será aplicável para os diversos contextos sociais que coexistem em todo o território nacional. Por outro lado, estamos há muito tempo conectados uns com os outros por meio da internet. Isto faz com que compartilhemos certas experiências similares ao interagirmos com o texto no meio digital. De todo modo, estamos certos de que cada docente encontrará desafios únicos e singulares ligados à sua realidade.

Quando pensamos nos percalços que possam surgir ao incorporar a leitura lateral no currículo, logo pensamos na dificuldade em acessar ou operar equipamentos tecnológicos. Porém para além disso, também podemos encarar a dificuldade em encontrar temas que sejam acessíveis e significativos para a sua comunidade escolar. Para tanto, mostra-se vital a abertura do docente em dialogar com os alunos, que podem sim se tornarem protagonistas em seus processo de aprendizagem. Assim, a sua participação garantirá a oportunidade de se selecionar textos mais relevantes para discussão e abordagem em sala de aula.

Poderíamos dedicar um capítulo completo aos possíveis problemas que possam surgir ao abordar a leitura lateral em sala de aula, e mesmo assim não conseguiríamos abarcar todos eles. Independentemente do tipo de problema que possa surgir, é urgente que tenhamos confiança em nossa prática pedagógica e que saibamos que não estamos sozinhos nesta jornada. É preciso construir pontes, pois o saber pedagógico se fortalece quando compartilhamos experiências e refletimos sobre nossas práticas. O espaço de deliberação democrática das escolas é uma conquista com a qual podemos e devemos contar para implementar projetos que sejam de fato significativos na vida de nossos alunos. Assim, poderemos construir juntos estratégias para conscientizar nossos alunos acerca dos perigos da manipulação e da desinformação, certos de que, assim como as tecnologias se renovam, as estratégias de manipulação são adaptadas, também inúmeros desafios nos esperam à frente. E, nessa perspectiva, lembramos que

o estímulo e a informação caminham juntos, ao lado da ética, no trabalho de despertar o interesse pela busca e divulgação do conhecimento e por essa razão a tecnologia, ao ser utilizada na universidade, não pode estar separada dos princípios básicos que norteiam a produção e a disseminação dos saberes acadêmicos (RIBEIRO, 2023a, p. 56).

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como textos organizam atividades e pessoas. In: DIONISIO, A.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). *Gêneros textuais e tipificação: Charles Bazerman*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

COLLINS DICTIONARY. *Collins 2017 Word of the Year Shortlist*. Disponível em: <https://blog.collinsdictionary.com/language-lovers/collins-2017-word-of-the-year-shortlist/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

INSTAGRAM. Postagem da página de notícias @metropoles. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ctjs7Lnu3lt/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19*. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/-Factsheet-Infodemic\\_por.pdf](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/-Factsheet-Infodemic_por.pdf). Acesso em: 09 jul. 2022.

OXFORD DICTIONARIES. *Word of the year 2016 is...* Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RIBEIRO, Ormezinda M. *Na teia de Penélope*. Metáforas na educação. 2. ed. Campinas: Pontes, 2023a.

RIBEIRO, Ormezinda M. *A construção da leitura: do projeto à aplicação em sala de aula*. Campinas: Pontes, 2023b.

SOARES, Magda. *Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

TFOUNI, Leda V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. São Paulo: Pontes, 1988.

UOL NOTÍCIAS. *Tourist Guy: 11 de Setembro produziu 1ª grande fake news da internet*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/amp-stories/tourist-guy-11-de-setembro-produziu-1-grande-fake-news-da-internet->. Acesso em: 09 jul. 2023.

WINEBURG, Sam; MCGREW, Sarah. Lateral Reading: Reading Less and Learning More When Evaluating Digital Information. *Stanford History Education Group Working Paper* No. 2017-A1, 2017. 56 pp.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *Revista The Lancet*, v. 395(10225), p. 676, 2020.

## **CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES**

**Autora 1 – Coordenadora do projeto de pesquisa, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.**

**Autor 2 – Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.**

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

**Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.**

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.